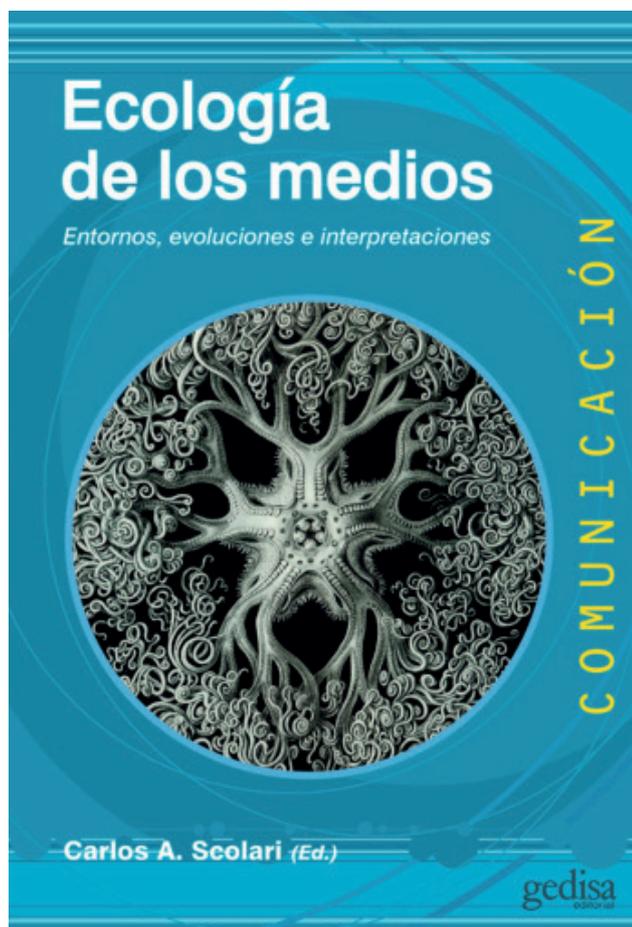


Scolari, C.A. (ed.). (2015). *Ecología de los médios. Entornos, evoluciones e interpretaciones*. Gedisa. Barcelona: 297 pp.

LUÍS M. FIGUEIREDO RODRIGUES¹



O objetivo desta obra é contribuir para pensar cientificamente o âmbito do saber denominado Ecologia dos Média. Este campo parte do princípio de que «os humanos modelam os instrumentos de comunicação, mas estes também modelam o ser humano, sem que disso se tenha consciência» (Marshal McLuhan), pelo que o editor se propõe contribuir para a consolidação deste saber específico. Esta compreensão evidencia-se tanto mais urgente quanto se constata que a sociedade em rede, através dos média e da Internet, produz transformações económicas, tecnológicas, sociais e culturais que abrangem todo o planeta, fenómenos esses denominados, genericamente, «globalização». A emergência deste fenómeno evidencia que o ecossistema mediático está a

==

¹ Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa; Doutoramento em Estudos Globais, Universidade Aberta (Portugal). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6949-565X>.

mudar, o que exige uma compreensão aturada do mesmo. A metáfora «ecologia mediática» oferece um conjunto de categorias e ideias que permitem compreender essas mudanças com que o telégrafo, o comboio, a imprensa e, depois, a rádio, a televisão e a Internet contribuíram poderosamente para a expansão comercial e o processo da globalização.

O editor, Carlos A. Scolari, inicia a obra com uma extensa introdução, na qual apresenta o «estado da arte» da Ecologia dos Média, intitulada «Ecologia dos média: Da metáfora à teoria (e mais longe)». Começa por referir que uma teoria é um espaço de diálogo no qual diferentes sujeitos mais ou menos competentes falam sobre um determinado tema (Scolari, 2015: 12). No que às teorias da comunicação diz respeito, Scolari propõe uma nova classificação, agrupando-as em torno de dois grupos: o das teorias especializadas, aquelas que se focam num determinado meio ou processo comunicativo, e o das teorias generalistas, que se propõem construir quadros globais de todos os processos que afetam o mundo da comunicação. É aqui que o autor insere o estudo da «ecologia dos meios».

Scolari elabora uma reflexão diacrónica que amplia a visão conceptual da matéria muito para além dos contributos de McLuhan, começando pelos contributos que prepararam o advento do conceito de «ecologia dos meios» e que denomina «os percursos», a saber: Lewis Mumford, Jacques Ellul, Harold Innis e Eric Ha-

velock. De seguida, reflete sobre o contributo de cada um dos «pais fundadores»: Marshal McLuhan, Neil Postman e Walgter Ong. Depois de acenar com o trabalho dos fundadores, o texto enuncia aqueles que se podem considerar os discípulos dos pais fundadores e que continuam a reflexão sobre a Ecologia dos Média. São eles: Lance Strate, Joshua Meyrowitz, Robert K. Logan, Paul Levinson e Derrick de Kerckhove.

O aspeto que aborda depois é o da metáfora da «ecologia dos média», começando por referir que uma metáfora é um dispositivo cognitivo básico da comunicação e da cultura humanas. Desempenha um papel fundamental no discurso científico, já que muitos dos novos paradigmas ou modelos teóricos nasceram ou representam-se através de metáforas. Mas a utilização da metáfora ecológica, aplicada aos meios de comunicação, postula, pelo menos, duas interpretações: entender os média como ambientes e entendê-los como espécies. A primeira entende a metáfora da ecologia dos média como a dimensão ambiental da ecologia mediática, na qual os média criam um ambiente que envolve o sujeito e modela a sua perceção e cognição. A segunda, por sua vez, assume uma dimensão medianeira da ecologia dos média, entendendo os meios de comunicação como espécies que partilham o mesmo ecossistema e estabelecem relações entre si.

Com a profunda alteração que a digitalização cultural está a introduzir na sociedade, criou-se uma nova oportunidade para uma releitura das grandes obras que consolidaram o conceito de «ecologia dos média», mas agora numa releitura da subespécie digital. Verifica-se que a profunda alteração dos novos modos de produzir, distribuir e consumir conhecimento, que a digitalização originou, produz uma alteração tão profunda na sociedade, que só tem paralelo com a invenção da imprensa, no século XVI. Com uma agravante: a revolução atual é mais rápida e mais generalizada. A releitura dos «clássicos» evidencia ter potencial propor temas, conceitos e perguntas que enriquecem a compreensão daquilo que são as comunicações digitais interativas.

Carlos Scolari reconhece igualmente que a reflexão científica sobre os meios de comunicação social, recorrendo à metáfora da ecologia, tem algumas lacunas. A primeira é que os seus fundadores – McLuhan e Postman – não legaram um conjunto de textos que seja um referencial teórico a partir do qual se possa elaborar uma epistemologia da disciplina. Esse trabalho está ainda a fazer-se. Faz falta a elaboração e um dicionário da disciplina, no qual se reflitam os conceitos fundamentais e o diálogo possível com os vários atores do cenário cultural.

Por fim, sabemos-lo, não há uma disciplina bem delimitada se não tiver um método próprio, específico. Atualmente, existe uma dispersão

de ferramentas metodológicas, que estão distribuídas por uma plêiade de estudos e investigações, mas que importava recolher, catalogar e sistematizar. Este processo vai permitir delimitar o campo deste saber específico, confirmando o que se adequa e excluindo o que não se insere na sua especificidade.

Depois da extensa introdução, segue-se uma coletânea de textos, divididos em três secções: os pais fundadores, os discípulos e, por fim, as novas fronteiras. O critério que presidiu à escolha dos textos foi o das suas contribuições para a reconstrução de um percurso teórico – o da Ecologia dos Média –, deixando de lado outras questões, como seja o caso dos seus aspetos formais. Por esse motivo, alguns capítulos são muito mais extensos que outros. Os estilos também não são homogêneos: alguns nasceram como intervenções orais e outros resultaram de um trabalho de redação específico para esta obra.

Na primeira parte, dedicada aos pais fundadores, pode ler-se a extensa entrevista que McLuhan concedeu à *Playboy*, em 1969, na qual explica demoradamente os conceitos principais do seu pensamento. Pode também ler-se a conferência que Neil Postman proferiu em 2000, na primeira assembleia da Media Ecology Association, e que marcou indelevelmente a afirmação desta área específica do saber. A terceira contribuição é de Jesús Octavio Elizondo Martínez, que apresenta uma descrição detalhada daquilo que se denominou Escola

de Toronto e descreve as interações entre os diversos atores que permitem a McLuhan construir o seu pensamento. O último capítulo está a cargo de Thom Gencarelli, que descreve as repercussões que o pensamento de Neil Postman teve no ambiente cultural dos Estados Unidos da América, sobretudo no campo da educação para os média.

Os discípulos daqueles pais fundadores são o foco sobre o qual se centra a segunda parte da obra, visando a institucionalização da Ecologia dos Média. Conta com trabalhos de autores que, cada um deles, trabalharam muito de perto com Marshall McLuhan ou Neil Postman. Lance Strate, que, entre outras coisas, dirigiu por mais de uma década a Media Ecology Association, tem aqui um texto, intitulado «Estudiar los medios como medios: McLuhan y el enfoque de la ecología de los medios». Paul Levinson, que fez a sua tese de doutoramento com Neil Postman, vê-se representado com um texto intitulado «Los principios de la evolución de los medios: La supervivencia del más apto». Kobert K. Logan, por fim, assina o terceiro texto desta secção, intitulado «La base biológica de la ecología de los medios». De registar que nesta segunda parte os textos apresentados são traduções para castelhano de publicações anteriores, os quais se pretendeu recuperar para ilustrar a construção teórica da Ecologia dos Meios.

A terceira parte intitula-se «Las nuevas fronteras» e oferece uma amostra das novas fronteiras que se abrem à reflexão. Indrek Ibrus realiza uma análise teórica da evolução dos meios de comunicação a partir da Semiótica da Cultura, propondo uma abordagem multidisciplinar na qual interpreta a evolução dos média a partir de outros autores e paisagens culturais, afastando-se daquela que McLuhan venceu. Denis Renó, num texto intitulado «Movilidad y producción audiovisual: Cambios en la nueva ecología de los medios», recupera as reflexões fundamentais de McLuhan e reflete com elas os novos formatos informativos que os dispositivos móveis tornaram possível. Por fim, Sergio Roncallo-Dow e Diego Mozarra assinam um texto intitulado «Ecología, arte y política: La estética como control (contra) ambiental». A partir da imagem de «sonda», de McLuhan, relacionam arte, estética e política. Com isso, preconizam a capacidade que cada artista tem para tornar visível o ambiente criado pelos média, ainda que esse ato de visibilidade ou consciência seja escandaloso, porque transgride as normas da época.

Por fim, de referir que estamos perante uma obra que na tradição inglesa, sobretudo dos Estados Unidos, seria uma *reader*, na qual se agrupam e traduzem textos fundamentais de uma determinada disciplina científica. Esta obra oferece ao leitor uma introdução completa ao campo da Ecologia dos Média.